

# Flora Figueiredo – Cadeira de balanço

Vai chegar o dia  
de minha cadeira balançar  
vazia;  
vai se aquietar o Noturno de Chopin  
que toca sempre ao meu lado;  
vai se quedar dobrado  
o clássico jornal do café da manhã.  
Provavelmente hão de permanecer  
histórias divertidas,  
ensinamentos,  
brigas e arrependimentos,  
problemas que dividimos,  
parcerias que fizemos,  
o doce que sempre repartimos,  
os amargos que muitas vezes nós comemos.  
Devem sobrar nas prateleiras  
guirlandas e claves  
caídas das cirandas,  
que rodaram com a meninice.  
Para vocês pode parecer tolice,  
mas um dia  
elas engrossaram de amor  
a minha biografia.  
Remendem a meia furada na ponta,  
motivo de tanta discussão;  
continuem tendo por perto  
a lata de aveia  
para quando o intestino não der certo;  
é bom insistir na sopa de feijão.  
Apagar a luz ao sair,  
escovar os dentes antes de dormir.  
Mas, acima de tudo, nunca dispersar.

Sei que a vida separa e distancia,  
mas mantenham-se unidos  
seja qual for o lugar  
que cada um deva ocupar na geografia.  
Nunca contrários,  
nem bipartidos.  
O destino gosta de rolar suas maldades  
sobre sangues divididos,  
sobre irmãos adversários.  
Tomara que eu tenha sucedido  
ao costurar com fio de eternidade  
a alça pulsante de cada coração.  
Do canto etéreo em que estiver guardada,  
vou me alegrar por essa equipe tão amada, mandar a benção  
feita de plumas e  
algodão.

**Flora Figueiredo, Amor a céu aberto**